

Sinfonia Inacabada

O ministro da Saúde colocou o dedo na ferida quando afirmou que o problema maior dos hospitais brasileiros é de gerenciamento, o que permitiu a atrofia de todo o sistema e a existência de médicos que não medicam e de remédios que nada remediam. Mas aquilo que é válido para os hospitais é também válido para todos os outros setores nacionais onde a falta de gerenciamento permitiu o emperramento de sistemas inteiros de produção, desde o transporte público até indústrias como a têxtil e a informática, passando pelo sistema bancário, a segurança dos cidadãos, para chegar finalmente à administração pública, onde o atraso atingiu seu ponto culminante.

Despreparados, médicos são maus gerentes de hospitais, assim como professores podem se revelar péssimos administradores de escolas, ou então funcionários se revelam desastrosos condutores de repartições públicas para onde foram guindados por critérios políticos, e não profissionais.

Da mesma forma que, por falta de cartão de ponto, os médicos deixam de comparecer aos seus empregos no hospital, assim também funcionários na repartição, professores na escola pública, policiais nos governos estaduais e gerentes de bancos se mostram incompetentes para resolver os desafios do dia-a-dia pela longa e interminável impunidade que estendeu uma fronteira de desentendimento entre os prestadores de serviços e os usuários dos serviços. Por trás de tudo está a inércia que ocupou espaços de Norte a Sul e se aferrou às posições de tal maneira que hoje é difícil tirar o atraso histórico do Brasil.

O que azucrinar a vida do cidadão, na expressão feliz do ministro da Saúde, é a "incompetência gerencial". O atraso portanto já tem nome. E nada melhor, ainda na área médica, para exemplificar a "incompetência gerencial", do que o caso do Hospital de Cardiologia de Laranjeiras, no Rio, onde há duzentos médicos para doze leitos. Sob este aspecto, o Brasil é mesmo um imenso hospital, pois em praticamente todos os setores a desproporção entre a necessidade e a capacidade de atender à necessidade padece de uma disritmia monumental, principalmente no serviço público.

Uma rápida vista a setores como educação, gestão do Fundo de Garantia, saúde, Justiça, prefeituras e governos estaduais, repartições federais inúteis que resistem furibundas ao seu próprio enterro, enfim, aos setores mais retardatários do país, mostra que, como pano de fundo, está o embate do moderno contra o arcaico. O jurista e historiador Raymundo Faoro já advertiu que o

sufocamento do moderno pelo antigo (isto é, o gerenciamento pela inércia antiquada) está provocando uma perigosa atmosfera de frustração e ceticismo. Hoje o grande problema brasileiro é descentralizar, fortalecer a sociedade civil e, sobretudo, dar ao Estado o caráter de poder público, e não de voracidade estatizante, como tem acontecido até agora.

A superestrutura que colocou o Brasil numa camisa-de-força aparentemente difícil de ser retirada é a mesma que alimentou a crença ancestral de que reformas são apenas possíveis por via autoritária, de cima para baixo. Do ponto de vista histórico, como disse Vítor Nunes Leal (em *Coronelismo, enxada e voto*), foi o fortalecimento do poder central pós-revolução de 30 que transferiu o mandonismo regional e local para o Estado brasileiro, reforçando seu autoritarismo. O Estado cresceu sem a participação do povo que se habituou a esperar tudo do governo.

Num país em que setenta milhões de habitantes vivem marginalizados, criaram-se corporativismos hoje responsáveis pela existência de tumores formidáveis de atraso, pois o corporativismo depois de um certo tempo só se manifesta para garantir ferozmente suas vantagens, sem a grandeza de pensar no futuro da nação. A História do Brasil começou com a distribuição de sesmarias e capitanias e continua hoje com a distribuição de cargos por critério político, e não técnico, ou gerencial, como é desejável.

De deturpação em deturpação, adquiriu o Brasil uma característica fatalmente perturbadora: nele se encontram setores extremamente avançados, de ponta, em contraste sempre mais acentuado com amplas camadas sociais, culturais e políticas decididamente retrógradas. Bolsões de atraso convivem em perfeita desarmonia sinfônica com cartórios incrustados em todos os setores da vida nacional, e é por isso que o Brasil se tornou um caso-limite internacional: é o país que mais cresceu nos cem anos posteriores a 1870 e simultaneamente o que figura em último lugar no quadro atual da concentração de renda. Não há causa sem efeito.

O desafio da atual geração é portanto redesenhar o rumo de seu próprio país. Em outras palavras: romper os esquemas tradicionais e pensar numa nova forma de ser uma civilização sem cair na utopia do radicalismo. Afinal, são cem anos de atraso que podem ser rompidos com algum bom senso e muito gerenciamento nos setores que se deixaram ficar para trás.